



## ARTIGO REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOCUMENTAL

### DESVELANDO HISTÓRIAS OCULTAS: MARGENS INVISÍVEIS DA AMAZÔNIA E O ECO DAS NARRATIVAS LÉSBICAS NA PSICOLOGIA NORTE-BRASILEIRA

Cindi Emili Maciel de Oliveira<sup>1</sup>, Miriã Ortiz Passos de Andrade<sup>2</sup>, Rafael Ademir Oliveira de Andrade<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este estudo aborda a lacuna histórica e científica na representação das mulheres, especialmente aquelas com identidades lésbicas, na região Norte do Brasil. A ausência de figuras femininas nas narrativas históricas destaca a subalternização das mulheres, evidenciando a necessidade premente de revisitar suas histórias de forma mais inclusiva. Exploramos produções científicas que negligenciaram a presença feminina na história amazônica, refletindo uma predominância nas narrativas masculinas. O movimento LGBTQIAPN+ é contextualizado, ressaltando suas transformações ao longo dos anos. Na Amazônia, a análise histórica revela desafios enfrentados pelas mulheres desde o ciclo da borracha até hoje. A diversidade étnica da região destaca lacunas nas discussões sobre diversidade sexual, enfatizando a necessidade crucial de uma abordagem interseccional. A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica, analisando artigos publicados entre 2013 e 2023 em plataformas como PePSIC, Scielo e Periódicos CAPS. A busca estendeu-se a sete universidades públicas na região Norte, resultando em 71 produções acadêmicas. Dos 41 artigos online, apenas um pertence à região Norte. Nas universidades, dos 62 trabalhos, apenas três eram de programas de Psicologia, evidenciando a escassez de pesquisas sobre mulheres lésbicas. A falta de representatividade nas narrativas históricas e acadêmicas destaca a urgência de visibilizar as experiências dessas mulheres. Este estudo destaca a importância de desafiar preconceitos arraigados, concluindo que a escassez de pesquisas ressalta a necessidade urgente de uma abordagem mais inclusiva na produção científica, contribuindo para uma compreensão equitativa das realidades vividas por essas mulheres na região Norte do Brasil.

**Descritores:** Mulheres; Lésbicas; Psicologia; Amazônia; Região Norte.

#### ABSTRACT

This study addresses the historical and scientific gap in the representation of women, especially those with lesbian identities, in the Northern region of Brazil. The absence of female figures in historical narratives highlights the subalternization of women, emphasizing the urgent need to revisit their stories more inclusively. We explore scientific productions that overlooked the presence of women in Amazonian history, reflecting a predominance of male narratives. The LGBTQIAPN+ movement is contextualized, emphasizing its transformations over the years. In the Amazon, historical analysis reveals challenges faced by women from the rubber boom era to the present. The ethnic diversity of the region underscores gaps in discussions on sexual diversity, emphasizing the crucial need for an intersectional approach. The methodology involved bibliographic research, analyzing articles published between 2013 and 2023 on platforms such as PePSIC, Scielo, and Periódicos CAPS. The search extended to seven public universities in the Northern region, resulting in 71 academic productions. Of the 41 online articles, only one belongs to the Northern region. In universities, of the 62 works, only three were from Psychology programs, highlighting the scarcity of research on lesbian women. The lack of representation in historical and academic narratives emphasizes the urgency of making visible the experiences of these women. This study underscores the importance of challenging ingrained biases, concluding that the scarcity of research highlights the urgent need for a more inclusive approach in scientific production, contributing to an equitable understanding of the realities experienced by these women in the Northern region of Brazil.

**Descriptors:** Women; Lesbians; Psychology; Amazon; North region.

1. Discente do Centro Universitário Aparício de Carvalho, Fimca, Porto Velho, Rondônia.
2. Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia.
3. Sociólogo, Doutor e Pós-Doutorando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao explorar produções científicas que descrevem a história da Amazônia, é evidente a ausência de figuras femininas. Os primeiros colonizadores que chegaram à região em seus navios e exploraram pela primeira vez ao longo do Rio Amazonas eram exclusivamente homens. Nas obras de Ribeiro (2005), Gondim (1984) e Bittencourt (2018), que são as principais fontes de referência que estão destacadas nos trabalhos que analisamos, não há menção de personagens do sexo feminino. O processo de colonização Amazônica era predominante conduzido por homens, enquanto mulheres indígenas e caboclas não eram reconhecidas como cidadãs. A narrativa oficial da história Amazônica negligencia as vidas das mulheres nesse período, deixando-nos com escassas informações sobre suas experiências e modos de vida.

A história da Amazônia, especificamente na Região Norte do Brasil, é caracterizada pela exploração da diversidade de recursos naturais e das populações humanas. Ao longo dos séculos, a colonização deixou sua marca, embasada em argumentos de povoamento, civilização, progressos e integração, que na realidade, resultaram em saques, pilhagem, escravidão, subjugação e morte (Araujo, 2009). Essa exploração teve uma série de consequências, especialmente nos aspectos sociais e ambientais, gerando um legado de desigualdades que perdura até os dias atuais.

Neste cenário, as mulheres, incluindo as nortistas, que residem em áreas urbanas ou rurais, centrais ou periféricas, enfrentando diversas opressões interseccionadas (raça, classe, etnia, sexualidade, território), estão entre os sujeitos historicamente subalternizados coletivos e grupos sociais na linha de frente das resistências, inclusive na academia, onde e compartilham conhecimentos (Amador, 2011; Carneiro, 2003; Crenshaw, 2012; Gonzalez, 1983).

Diante disso, como componente da investigação exploratória, optamos por examinar a representação das

mulheres com identidade lésbica da região Norte presentes nestes estudos acadêmicos. Concentramos nossa atenção nas contribuições desenvolvidas no campo da Psicologia, explorando a abordagem dessas mulheres nos trabalhos e considerando a metodologia como um espaço dialético entre quem conduz a pesquisa e as participantes. Por último, analisamos como as pesquisas retratam ou moldam as mulheres e sua sexualidade em seus resultados.

Ao explorar as lacunas históricas na representação das mulheres, em particular aquelas com identidade lésbica, na região Norte do Brasil, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e diversificada nos estudos acadêmicos. A ausência de figuras femininas nas narrativas tradicionais destaca a subalternização histórica dessas mulheres e a importância de revisitar e recontar suas histórias de maneira mais abrangente.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O movimento político e social de luta pelos direitos das pessoas pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+ veio sofrendo inúmeras transformações ao longo dos últimos séculos, uma delas, inclusive, sendo a própria sigla que, antigamente, era denominada por GLS como forma de englobar gays, lésbicas e simpatizantes. Todavia, com o tempo, tal sigla acabou caindo em desuso, visto que ela não somente não representava toda a diversidade da comunidade, como também incluía os “simpatizantes” que, apesar de serem importantes aliados na luta, não são de todo parte dela (Lima Júnior e Sousa, 2020; Lopes et al., 2022; Reis, 2018).

Assim, devido ao avanço acerca dos debates e o aprofundamento de discussões sobre as demais minorias sexuais, a sigla acabou sendo modificada para GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais), como forma de ser mais representativa e poder englobar mais orientações e identidades invisíveis, que também possuíam pautas sociais importantes, como no caso das pessoas

bissexuais e transexuais que, anteriormente, não eram incluídos nas siglas GLS. (Lopes et al., 2022).

No entanto, após a I Conferência Nacional GLBT no Brasil em 2008, a sigla acabou sendo alterada mais uma vez, em consequência da forte desigualdade de gênero e invisibilidade sofrida pelas mulheres dentro da própria comunidade. Então, em prol de uma maior visibilidade destas mulheres lésbicas a sigla passou a ser LGBT, com o “L” vindo a frente das outras letras (Lopes et al., 2022; Reis, 2018; Brasil, 2021).

Ademais, apesar das inúmeras alterações feitas na sigla no decorrer dos anos, atualmente, no Brasil, a sigla LGBTQIAPN+ vem sendo a mais utilizada, graças a sua maior representatividade que é trazida em relação às orientações sexuais e identidades de gênero existentes. Todavia, é válido lembrar que a orientação sexual difere da identidade de gênero, isto é, são duas coisas totalmente diferentes uma da outra, pois enquanto a orientação é sobre por quem o indivíduo irá se atrair, como por exemplo, alguém que se atrai por outra pessoa do mesmo gênero ou não, a identidade é sobre como o sujeito irá reconhecer a si próprio dentro dos padrões de gênero, ou seja, como masculino, feminino, a junção de ambos ou a sua ausência (Lopes et al., 2022; Lima Júnior e Sousa, 2020; Brasil, 2017).

A sigla LGBTQIAPN+ simboliza uma postura de luta, resistência e orgulho, tendo lésbicas (L: mulheres, cis ou trans, que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres), gays (G: homens, cis ou trans, que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens), bissexuais (B: pessoas que se atraem afetiva e/ou sexualmente por ambos os gêneros ou mais), transgêneros, transsexuais e travestis (T: pessoas que se identificam com um gênero oposto ao seu sexo de nascimento. Essa letra abrange tanto as pessoas que se identificam com um gênero binário, como homem ou mulher, quanto aqueles que não se identificam com nenhum dos dois ou mais), queer (Q: termo guarda-chuva referente a pessoas que não se enquadram no padrão heteronormativo, podendo ser não heterossexuais ou não cisgêneros), interssexo,

(I: se refere aquelas pessoas que por motivos biológicos não se enquadram na norma binária, ou seja, aquilo é masculino ou feminino), assexuais (A: diz respeito à atração sexual condicionada, em baixa frequência ou ausência total dela), pansexuais (P: aqueles que se envolvem em relações com indivíduos independente do gênero ou orientação/condição sexual), não-binários(as/os) (N: aqueles que não se identificam exclusivamente com um gênero, cuja identidade e expressão transcendem as categorias tradicionais de masculino e feminino, encontrando-se além do sistema binário de gênero e da cisnormatividade), “+ (mais)” (+: representa todas aquelas identidades de gênero ou demais orientações sexuais as quais não se encaixam no padrão cisheteronormativo da sociedade) ainda há muito a ser explorado e compreendido em relação à diversidade cultural na qual estamos imersos, tanto no âmbito social quanto no contexto universitário.

Dessa forma, devido a vasta diversidade dentro da comunidade LGBTQIAPN+, Bortoletto (2019) afirma que: “A comunidade traz consigo o sentimento de pertencimento, mostrando àqueles que dela fazem parte que cada indivíduo, com sua identidade única, estará representado mesmo que ele não aparente se encaixar completamente com a identidade da comunidade LGBTQIA+.” (Bortoletto, 2019, p. 10)

Por outro lado, de acordo com Gonçalves (2018) e Pereira (2019), historicamente, o movimento LGBT não tem conseguido representar a diversidade da sua sigla, muitas vezes, transformando em apenas um movimento de homens cisgêneros gays. Ou seja, por causa disso, Lésbicas e pessoas Trans, por não possuírem a devida representatividade ou protagonismo, acabam criando movimentos com identidades próprias, o que para algumas pessoas faz com que o movimento seja dividido.

## Identidade de Gênero

A maneira como as definições e expectativas de gênero persistem está intrinsecamente ligada à história e à cultura de

uma sociedade. Partindo das relações culturais e sociais estabelecidas durante a vida de um indivíduo e suas vivências enquanto portador de uma identidade de gênero, foram estabelecidas categorizações. Nessa perspectiva, surge o conceito de identidade de gênero, explorando a forma como um indivíduo se relaciona com seu próprio corpo e lida com a aceitação ou rejeição dos estereótipos estabelecidos pela sociedade, independente de aderir ou não aos padrões de feminilidade/masculinidade (Ferreira, 2022).

Culturalmente, normas de consumo, características intrínsecas e padrões de comportamento foram estabelecidos para ambos os gêneros. Essa regra e as convenções podem variar em outras culturas, apresentando diferenças significativas ou sendo mais pronunciadas do que as observadas no contexto ocidental (Butler, 2003; Foucault, 1998 e 199; Conneel, 2009). Neste contexto, os órgãos genitais são convencionalmente estabelecidos que homens apresentam pênis, enquanto as mulheres possuem vaginas, seguindo as determinações biológicas preexistentes. Essas determinações biológicas carregam consigo diversas associações com padrões sociais, destacando-se, em especial, a concepção de que a identidade da mulher está essencialmente ligada ao seu sexo e a sua capacidade reprodutiva, desempenhando um papel fundamental na perpetuação da espécie.

## Sexualidade

A sexualidade, assim como a identidade de gênero, representa uma construção contínua cultural e histórica, sujeita a uma variedade de interpretações e categorizações ao longo de extensos períodos. Este conceito refere-se à maneira pela qual os indivíduos interagem de forma sexual e afetiva com seus pares, refletindo assim as transformações ao longo do tempo.

Foucault (1998), ao abordar aspectos da sexualidade, da sociedade e das dinâmicas de poder, introduziu o conceito de dispositivo de sexualidade. O autor busca delinear práticas que padronizam e estabelecem normas e verdades acerca dos corpos

individuais e de suas expressões sexuais. Por dispositivo, ele compreende um conjunto abrangente que engloba “discursos, instituições, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”, ou seja, a interconexão entre esses elementos (1998, p. 244). Constituem práticas discursivas ou não, conjunto de saberes, conhecimentos, estratégias de controle e poder que visam normalizar a sexualidade, validar determinadas “verdades” associadas aos corpos e prazeres individuais, as quais se convertem em padrões socialmente aceitos. Tais padrões, contudo, são construídos pelas instituições hegemônicas de uma sociedade como meio de exercer controle.

No contexto da identidade sexual, Britzman (1996) aborda a flexibilidade ou a possibilidade de tornar-se fluida da sexualidade individual, destacando que, ao tratar das dimensões do desejo, amor e afetividade, a identidade pode surpreender a si mesma, originando formas de sociabilidade, expressões políticas e identificação que se desligam dos discursos predominantes que envolvem biologia, natureza e normalidade.

Dentre todas as influências que moldaram a expressão da sexualidade ao longo do seu desenvolvimento na sociedade ocidental, uma das mais intrincadas e passíveis de gerar julgamentos em diversas esferas está relacionada ao pensamento religioso. Os mitos de origem, a doutrinação moral e a demarcação dos limites entre pecados e virtudes, profundamente enraizados nos contextos confessionais, convergem para contribuir na formação da relação individual como o próprio corpo, com a expressão sexual e com o afeto em relação aos parceiros presentes e futuros.

Em nossa história houveram inúmeros protestos por parte do movimento ativista LGBTQIAP+, notadamente em relação ao termo “homossexualismo” e sua associação ao sufixo “ismo”, que implicava um caráter de doença ou patologia. Como resposta a essas manifestações, em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) removeu a classificação do CID (Classificação Internacional de Doenças). É relevante destacar que, no Brasil, desde 1985, o

Conselho Nacional de Psicologia já não considerava a orientação sexual como uma condição patológica.

### **A mulher nortista e sua sexualidade**

A análise da complexidade histórica da mulher e de sua sexualidade na região Norte do Brasil, conforme delineada nos textos apresentados, desvela uma trajetória repleta de desafios e nuances peculiares. Nos estudos conduzidos por Pereira, Hilário & Fernandes (2022), observa-se que durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX, especialmente no contexto do ciclo da borracha, as mulheres na região enfrentaram uma realidade na qual seus corpos eram frequentemente tratados como mercadorias, encomendados como objetos pelos trabalhadores nos seringais. A predominância de migrantes masculinos e a escassez de parceiras disponíveis resultaram em situações conflituosas, incluindo o "roubo" de mulheres indígenas e a busca de companheiras em países vizinhos, como a Bolívia.

A segunda metade do século XX trouxe consigo uma nova camada de complexidade às experiências das mulheres na região norte, com a migração masculina para o desenvolvimento de garimpos e produção de cassiterita. A década de 1970 testemunhou uma migração em massa, na qual muitos desses migrantes vieram acompanhados por suas famílias, principalmente camponeses expropriados em suas regiões de origem. Essa dinâmica populacional introduziu diferentes perspectivas e modificações nas estruturas familiares, contribuindo para a diversidade e complexidade das experiências das mulheres na região (Pereira, Hilário & Fernandes, 2022).

Enfrentar a contemporaneidade amazônica como mulher lésbica representa um desafio significativo, indo além das adversidades relacionadas às questões de gênero. Os obstáculos decorrentes dos preconceitos enraizados na sociedade, resultantes do padrão heteronormativo que dita as normas sociais para as formas de expressão da orientação sexual e identidade

de gênero, criam um cenário no qual a sexualidade das mulheres lésbicas é frequentemente negada.

Gontijo (2017) examina diversas maneiras de conceber o campo da diversidade sexual e de gênero na Amazônia, destacando a necessidade de atenção especial para as discrepâncias, lacunas, ausências e potenciais omissões relacionadas às experiências da diversidade sexual e de gênero em ambientes etnicamente distintos e em cidades de porte reduzido e médio na Amazônia, especialmente nas áreas mais afastadas.

Segundo Parker (1991), a sexualidade está sujeita ao controle de ideologias fundamentadas nos subsistemas do patriarcado, no discurso religioso judaico-cristão, na higiene social do século XIX, que define parâmetros de sexualidade saudável e doentia, no discurso científico moderno sobre sexo e na ideologia do erótico que caracteriza o brasileiro como "sensual e sedutor". Esses conjuntos de ideias promovem a "normalização" dos corpos e das diversas manifestações da sexualidade dentro de um sistema social sexista, impactando sobretudo as mulheres indígenas, quilombolas, caboclas e ribeirinhas na região norte do Brasil.

Diante desse panorama, a análise da complexidade histórica da mulher e de sua sexualidade na região Norte do Brasil revela um intrincado mosaico de desafios ao longo do tempo. Desde o ciclo da borracha até as dinâmicas contemporâneas, as mulheres enfrentaram situações de exploração, migrações massivas e a imposição de padrões heteronormativos. O desafio adicional de encarar a contemporaneidade amazônica como mulher lésbica destaca a persistência de preconceitos enraizados. Nesse contexto, existem lacunas e omissões nas discussões sobre diversidade sexual e de gênero na Amazônia, ressaltando a necessidade de considerar as experiências em ambientes etnicamente diversos e em áreas mais afastadas. As influências ideológicas sobre a sexualidade sublinham a urgência de desafiar os padrões normativos que afetam desproporcionalmente as mulheres indígenas, quilombolas, caboclas e ribeirinhas na região norte do Brasil. Dessa forma, este estudo destaca a importância de uma abordagem

interseccional e sensível ao contexto regional para compreender e abordar as complexas interseções entre gênero, sexualidade e etnicidade na Amazônia.

## 2. MÉTODOS

Neste estudo, adotara-se uma abordagem de pesquisa bibliográfica, visando estabelecer uma base sólida para a investigação do tema em questão. A análise sistemática de uma variedade de fontes, como artigos e trabalhos acadêmicos, documentos publicados, permitiu mapear o estado atual da literatura científica e identificar lacunas ou áreas de convergência e controvérsia.

Para Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) mediante a análise e discussão de referências teóricas previamente publicados. Segundo o autor, esse método de pesquisa busca oferecer insights valiosos para o entendimento do objeto de estudo, elucidando como o tema em questão foi abordado na literatura científica, sob que enfoque e perspectiva. A avaliação crítica das diversas contribuições proporciona um embasamento sólido, enriquecendo o conhecimento sobre a temática investigada.

Sendo assim, foi feita uma busca de artigos publicados entre o período de 2013 a 2023 em plataformas digitais de renome, como o PePSIC, Scielo e o Periódicos CAPES do Governo Federal. Para uma busca efetiva, utilizara-se os seguintes termos-chave para a pesquisa: "mulheres", "lésbicas" e "psicologia", além de "mulher", "lésbica" e "psicologia". No total, foram identificados um total de 41 artigos, os quais foram analisados e categorizados de acordo com a região em que foram produzidos, no intuito de descobrir o quanto a região Norte está produzindo sobre o tema.

Infelizmente, devido aos resultados insatisfatórios que foram obtidos nos três sites citados no parágrafo acima, a pesquisa acabou estendendo-se para os repositórios das Universidades Públicas do Norte, no caso, a

UFAC, UFAM, UNIR, UFPA, UFRR, UFT e UNIFESSPA. Com isso, obtivemos o resultado de 71 produções acadêmicas, as quais foram analisadas e categorizadas de acordo com o seu tipo de produção, além de quais cursos foram produzidos.

No próximo capítulo, aprofundaremos nossa análise, buscando evidenciar o impacto significativo que a psicologia tem exercido no contexto do tema proposto e, mais especificamente, quais as regiões do Brasil estão discutindo mais vezes sobre o tema.

## 3. RESULTADOS

Na primeira parte da pesquisa, a qual foi utilizada plataformas online, como PePSIC, Scielo e Periódicos CAPES, os termos-chaves foram pesquisados em conjunto com o operador booleano AND, de modo que pudesse facilitar a nossa busca pelos artigos desejados. Sendo assim, foram identificados o total de 41 artigos, publicados dentro do período de 2013 a 2023, que foram categorizados de acordo com a região com que cada qual foi produzido originalmente, como mostra a tabela 1.

Nas pesquisas na plataforma PePSIC, foram encontrados 04 artigos, os quais 03 deles eram da região Sudeste e 01 da região Centro-Oeste. Já no site da Scielo, houve apenas um resultado, porém como ele não estava dentro do período de tempo estipulado, ele acabou sendo excluído, deixando assim o resultado nulo.

Agora, no Periódicos CAPES, foram encontrados um total de 87 artigos, no entanto, muitos deles eram trabalhos que se repetiam duas, três e até quatro vezes. Por causa disso, foi necessário que eliminássemos todas estas repetições, fazendo com que o resultado diminuísse para 37 artigos, os quais 07 deles eram do exterior e 30 eram de diferentes regiões do Brasil, como por exemplo: 06 eram da região Sul, 11 do Sudeste, 04 do Centro-Oeste, 08 do Nordeste e somente 01 da região Norte.

**Tabela 01** - Artigos Publicados nos anos de 2013 a 2023 por Regiões Brasileiras

	SUL	SUDESTE	CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	TOTAL
PEPSIC		03	01			04
SCIELO						
CAPEL	06	11	04	08	01	30

Fonte: Autoria própria, 2023.

O artigo intitulado como “Negociações de sentidos no contexto da subalternidade: interseccionalidade na vida da mulher negra lésbica e seus pontos nodais para a psicologia social”, escrito por Alessandra Dias da Cruz, Carmen Hannud Carballeda Adsuara e Robenilson Moura Barreto, é uma pesquisa de iniciação científica do ano de 2022 que, a partir da perspectiva interseccional (Crenshaw, 2013; Hirata, 2016 apud Cruz; Adsuara; Barreto, 2022), buscou abordar o fenômeno da subalternidade no contexto da psicologia social para debater de forma teórico-conceitual a respeito da vida de mulheres lésbicas. Seu objetivo baseou-se em compreender a interseccionalidade de mulheres lésbicas negras e pobres que pertencem a um determinado grupo étnico, considerando que as mulheres lésbicas, segundo Silva (2012) apud Cruz; Adsuara e Barreto, (2022), são marginalizadas e

invisibilizadas socialmente de todas as formas possíveis.

A princípio, a pesquisa usufruiria somente dos resultados obtidos nas plataformas PePSIC, Scielo e Periódicos CAPES. Todavia, devido ao resultado insatisfatório que foi alcançado, ela acabou estendendo-se para os Repositórios das Universidades Públicas do Norte, como por exemplo, a UFAC, UFAM, UNIR, UFPA, UFRR, UFT e UNIFESSPA, com o intuito de descobrir o quanto estas instituições estão produzindo acerca de mulheres lésbicas, sobretudo, no curso de Psicologia.

Sendo assim, foi-se utilizado os mesmos descritores das pesquisas anteriores (“mulheres” AND “lésbicas” AND psicologia, “mulher” AND “lésbica” AND “psicologia”), além do período de tempo entre 2013 a 2023. Com isso, foram encontrados os seguintes resultados apresentados na tabela 02 abaixo:

**Tabela 02** - Trabalhos publicados nos Periódicos das Universidades Públicas do Norte do Brasil anos de 2013 a 2023.

Universidades Públicas do Norte	Relatório de Pesquisa	Trabalhos de Conclusão de Curso	Dissertação	Tese	Total
Universidade Federal do Acre (UFAC)					
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	03				03
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)					
Universidade Federal do Pará					

(UFPA)					
Universidade Federal de Roraima (UFRR)			09		09
Universidade Federal de Tocantins (UFT)			55	04	59
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)					

**Fonte:** Autoria própria, 2023.

Conforme os resultados mostrados na tabela 2, percebe-se que de 07 Universidades Públicas no Norte, apenas 03 obtiveram sucesso na pesquisa. Então, todos eles foram analisados de um por um para descobrir quantos ou quais faziam parte de Programas de Psicologia.

Sendo assim, iniciando a análise com os resultados obtidos tanto no estado de Tocantins quanto no de Roraima; a UFT, que apresentou o maior resultado da pesquisa, apresentou o total de 59 trabalhos acadêmicos produzidos, sendo eles 55 dissertações de Programas de Mestrado e 04 teses de

Programas de Doutorado. Já na UFRR foram encontrados o total de 09 trabalhos, sendo todos eles dissertações de Programas de Pós-Graduação.

Apesar do grande número de trabalhos encontrados em Tocantins, tanto eles quanto os de Roraima, possuíam alguma ligação com Programas de Psicologia, como mostram as tabelas 03 e 04 a seguir. Muitos deles foram produzidos dentro de programas como Letras, Comunicação e Sociedade, Ciência e Saúde, Educação, Geografia, História, Sociedade e Fronteiras, Desenvolvimento Regional da Amazônia, entre vários outros.

**Tabela 03** - Trabalhos Publicados por Programas da Universidade Federal de Tocantins (UFT)

<b>Programas de Doutorado</b>	<b>Teses</b>
Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura	04
<b>Programas de Mestrado</b>	<b>Dissertações</b>
Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura	09
Mestrado em Comunicação e Sociedade	09
Mestrado em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos	05
Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde	05
Mestrado em Estudos de Cultura e Território	05
Mestrado em Educação	05
Mestrado em Letras	05

Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas	04
Mestrado em Desenvolvimento Regional	02
Mestrado em Geografia	02
Mestrado em Ensino de História	02
Mestrado Profissional em Letras	01
Mestrado Profissional em Filosofia	01

Fonte: Autoria própria, 2023.

**Tabela 04** - Trabalhos Publicados na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Programas de Pós-Graduação	Dissertações
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras	05
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia	01
Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia e Inovação	01
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social	01
Programa de Pós-Graduação em Letras	01

Fonte: Autoria própria, 2023.

Já no estado do Amazonas, foram encontrados o total de 03 trabalhos, os quais todos eram relatórios finais de iniciação

científica e que, felizmente, faziam parte de um Programa de Graduação em Psicologia, como mostra a tabela abaixo.

**Tabela 05** - Relatórios Finais de Iniciação Científica do Departamento de Psicologia na UFAM.

Relatórios Finais de Iniciação Científica	Autores	Ano
Aprendizados, dúvidas e necessidades de profissionais da rede de combate à violência contra a Mulher em Manaus sobre encaminhamentos e atendimento a homens autores de violência conjugal	Thiago Silva dos Santos	2013
Um estudo acerca dos significados da Igualdade de Direitos da população LGBT na escola na perspectiva dos professores do ensino médio	Francisney da Silva Lima	2013

Os significados da escolarização para travestis que moram na cidade de Manaus	Ane Caroline Coutinho Nunes	2015
---	-----------------------------	------

**Fonte:** Autoria própria, 2023.

O primeiro trabalho, datado de 2013, do autor Thiago Silva dos Santos, traz uma pesquisa Documental que foi feita com o intuito de analisar a efetividade das metodologias interventivas aplicadas no programa “Serviço de Responsabilização e Educação do Agressor – SARE”, o qual visa trabalhar com homens ou mulheres lésbicas autores de violência conjugal contra a mulher e suas parceiras e que foi implantado por meio da UFAM e Departamento Estadual de Direitos Humanos da SEJUS. Além disso, a pesquisa buscou também comparar tais análises com outras produções científicas da área para descobrir o grau de efetividade de tais intervenções.

Já no segundo trabalho, também datado de 2013, da autora Francisney da Silva Lima, traz como tema a igualdade de direitos da população LGBTQIAPN+ na escola sob a perspectiva de professores do ensino médio. A pesquisa também traz um debate acerca da implementação de políticas educacionais relacionadas à diversidade sexual e o quanto professores estariam dispostos para formações ou discussões relacionadas ao tema.

Por fim, mas não menos importante, o terceiro trabalho, datado de 2015, da autora Ane Caroline Coutinho Nunes, que buscou investigar os significados do processo de escolarização para travestis residentes da cidade de Manaus. Ademais, a pesquisa buscou também identificar qual o local atribuído ao processo de escolarização na história de vida dessas travestis, além de conhecer os possíveis obstáculos que impedem a sua permanência nesse contexto de escolarização e que tipos de estratégias podem ser usadas para que elas possam dar continuidade em seus processos de escolarização.

Dessa forma, diante de todos os resultados obtidos na pesquisa, evidencia-se a escassez de artigos e trabalhos acadêmicos relacionados a mulheres lésbicas visto que, nas plataformas online, a região Norte

contribuiu com não mais que 1 artigo, enquanto a pesquisa nas universidades do Norte revelou que apenas 3 das 7 universidades pesquisadas tiveram produções relacionadas ao tema. Todavia, dos 62 trabalhos, somente 3 faziam parte de um programa de Psicologia.

#### 4.DISSCUSSÃO

Em termos geográficos e culturais, a mulher residente no Norte, pode enfrentar desafios únicos em sua jornada. As influências da cultura, histórias e sociedade nortista podem moldar a expressão da sexualidade de maneiras distintas. Compreender esse contexto é essencial para desenvolver estratégias eficazes de representações. Além disso, a discussão sobre a sexualidade da mulher lésbica não se deve limitar apenas à identidade de gênero e à orientação sexual. Considerar a intencionalidade é fundamental para compreender as diversas dimensões que moldam a experiência de uma mulher lésbica, como raça, classe social, capacidade, entre outras.

Chaves e César (2019) apontam a predominância nas referências bibliográficas que falam sobre a mulher Amazônica, restringem a subgrupos específicos, notadamente as comunidades ribeirinhas, seringueiras e indígenas. Essa limitação na abordagem demonstra uma inclinação etnocêntrica que tende a categorizar como exótico, carente ou periférico, fortalecendo, por conseguinte, a perspectiva hegemônica.

Para promover a descolonização do conhecimento e mitigar os impactos do poder ligado à colonialidade da sexualidade e dos afetos, é fundamental escutar atentamente as narrativas dos indivíduos sobre suas vivências e experiências. Isso inclui considerar de maneira criativa como eles conectam gênero, sexualidade. Essa abordagem visa contribuir para a construção de perspectivas que não

mais sustentam a concepção colonialista de que a sexualidade é intrinsecamente pecaminosa (Gontijo; Erick, 2020).

Por isso, a produção de artigos e trabalhos acadêmicos acerca de determinados temas, em específico, aqueles que envolvem sexualidade e gênero são de suma importância para a formação de um psicólogo, visto que, de acordo com a resolução CFP nº 01/1999, o psicólogo em sua prática profissional será frequentemente interpelado por questões ligados a sexualidade, independente da área em que for atuar, ele precisa compreender a sexualidade em sua totalidade e que a forma com que cada pessoa vive a sua sexualidade faz parte de sua identidade como sujeito (CFP, 1999).

No entanto, como compreender o indivíduo como um todo, assim como a sua sexualidade se os registros relacionados a temas específicos, sobretudo, mulheres lésbicas, encontrados tanto em plataformas online quanto em repositórios de universidades públicas são tão escassos?

Há um grande déficit no que diz respeito a tais produções, principalmente, se focadas na região Norte do Brasil, a qual obteve apenas 01 único artigo dentre os 41 encontrados em 03 plataformas online diferentes. Tal resultado é um número extremamente pequeno, mas que evidencia ainda mais a invisibilidade lésbica, principalmente, se atravessada por outras questões, além de gênero, raça/cor, orientação sexual, etc.

Além disso, outro ponto a ser ressaltado é o fato de que, embora tenha sido usado os mesmos descritores específicos no decorrer de toda a pesquisa, ainda assim houve artigo que, apesar de trazer uma pauta importante, como por exemplo, as percepções e expectativas de homens trans acerca dos relacionamentos afetivo-sexuais pós-transição, o tema principal não compreendia exclusivamente a mulher lésbica e a sua representatividade, mas sim as dificuldades destes homens para se relacionarem afetivo-sexual pós-transição.

Inclusive, além do artigo citado acima, também houveram trabalhos acadêmicos que, apesar de terem aparecido

nos resultados de busca dos repositórios de universidades públicas, em específico, aqueles obtidos na UFAM, em seu programa de Psicologia, nenhum dos 03 relatórios de pesquisa falavam, de fato, sobre mulheres lésbicas. Uma vez que, em um dos trabalhos elas foram apenas citadas como autoras de violência conjugal contra a mulher, enquanto que, nos outros dois trabalhos, foram citadas somente como pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+.

Ademais, é necessário debater também os resultados obtidos nas universidades públicas, tanto a UFAM pelos poucos trabalhos encontrados na pesquisa quanto as demais universidades que ou não obtiveram resultado algum ou então que obtiveram, mas nenhum deles sendo pertencentes a um programa de Psicologia, no caso, os resultados encontrados na UFT e UFRR, os quais mostraram que se fala mais sobre sexualidade e gênero ou mulheres lésbicas em outros programas de Mestrado e Pós-Graduação, como por exemplo, Letras, Comunidade e Sociedade, Educação, Sociedade e Fronteiras, Desenvolvimento Regional da Amazônia, entre vários outros, do que o próprio programa de Psicologia destas mesmas instituições.

Dessa forma, conclui-se que há não apenas a ausência da mulher lésbica norte-brasileira em artigos ou trabalhos acadêmicos, em específico aqueles produzidos em programas de Psicologia, mas também produções vindas de qualquer parte da região Norte do Brasil.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa destaca a escassez de produções acadêmicas sobre mulheres lésbicas na região Norte e a necessidade de ampliar a discussão sobre a diversidade de suas experiências. A compreensão da interseccionalidade é fundamental para abordar as complexidades enfrentadas por essas mulheres, proporcionando uma representação mais abrangente e eficaz.

Sendo assim, ao explorar as lacunas historiográficas, é inegável a adoção de uma abordagem interseccional, reconhecendo não apenas a diversidade de gênero, mas também

a interação complexa de fatores como etnia, classe social e orientação sexual. A multiplicidade de identidades das mulheres amazônicas desafia estereótipos simplistas e reforça a necessidade de uma análise crítica que contemple essa complexidade.

Contudo, para que estas análises sejam possíveis de ocorrer, é de suma importância que haja um certo incentivo dos programas de Psicologia para que os seus alunos não só debatam em salas de aulas sobre a interseccionalidade entre gênero, sexualidade, etnia, orientação sexual e classe social, mas que, principalmente, produzam registros relacionados a eles, visto que a falta de publicações pode ter implicações diretas na formação dos estudantes de psicologia.

Dessa forma, a exposição a uma ampla gama de pesquisas, teorias e metodologias são essenciais para o desenvolvimento acadêmico e profissional de futuros psicólogos, já que a falta de um ambiente que promova ativamente a produção e disseminação do conhecimento científico pode afastar/ausentar os estudantes de aprendizados e participações ativas no avanço do tema.

Portanto, esta ausência de publicações nos programas de psicologia deve servir como um estímulo para repensar políticas internas, reconhecendo a importância intrínseca de pesquisas para o desenvolvimento contínuo a respeito do tema. Além disso, estabelecer incentivos, reconhecimento e suporte adequado para os pesquisadores, juntamente com a promoção de uma cultura que valorize a produção acadêmica, pode ser crucial para preencher essa lacuna e promover um ambiente mais dinâmico e inovador nos programas de psicologia.

Logo, a inclusão das narrativas femininas, nesse contexto, não é apenas um exercício acadêmico, mas uma ferramenta crucial para a construção de estratégias mais equitativas para o futuro da Amazônia e do Norte do Brasil, pois este estudo buscou não apenas revisar o passado, mas também iluminar o presente e inspirar ações futuras.

### CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Este artigo é uma colaboração significativa entre Cindi Oliveira, a autora principal, e

Miriã Andrade, a orientadora. Ambas desempenharam papéis cruciais em todas as fases do estudo, contribuindo para a compreensão aprofundada das histórias das mulheres lésbicas na região Norte do Brasil.

Cindi Oliveira desempenhou um papel central na elaboração e execução do estudo. Sua pesquisa aprofundada e análise crítica das narrativas históricas e científicas destacaram a ausência de representações das mulheres lésbicas na região. Sua abordagem na revisitação dessas histórias, foi fundamental para evidenciar a urgência de uma perspectiva mais abrangente.

Miriã Andrade, na função de orientadora, desempenhou um papel importante no desenvolvimento e direcionamento do artigo. A principal contribuição da orientação foi garantir que o estudo abordasse de forma eficaz a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e etnicidade na Amazônia, especificamente no Norte do Brasil.

Ao longo de todas as seções do artigo, Cindi Oliveira e Miriã Andrade colaboraram de maneira sinérgica. A contextualização histórica, os desafios enfrentados por mulheres lésbicas no Norte e análise metodológica refletem a integração de suas perspectivas. A busca bibliográfica meticulosa e a categorização das produções acadêmicas nas universidades do Norte foram realizadas em conjunto, destacando a parceria eficaz entre a autora principal e a orientadora.

### 5. REFERÊNCIAS

1. AMADOR DE DEUS, Zélia. **O corpo negro como marca identitária na diáspora africana**. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. 2011.
2. ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. A constituição do sujeito a diversidade (ameaçada) da Amazônia. **Múltiplas Leituras**, v. 2, n. 1, p. 39-49, 2009.
3. BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem. **Jornalismo e ambiente na Amazônia**. Rio Branco: **ArteSam**, 2018.
4. BOFFI, Leticia Carolina; SANTOS, Manoel Antônio Dos. **Percepções e**

- Expectativas de Homens Trans Acerca dos Relacionamentos Afetivo-Sexuais Pós-Transição. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/NPPwS5ZFtKXKLM8HhRvZjgx/?lang=pt>>. Acesso: 23 nov. 2023.
5. BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+**: identidade e alteridade na comunidade. São Paulo: USP, 2019.
  6. BRASIL. **O Ministério Público e os direitos de LGBT**: conceitos e legislação. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. – Brasília : MPF, 2017.
  7. BRITZMAN, Deborah P.. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.
  8. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
  9. CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
  10. CFP. **Resolução nº 001/99 de 22 de março de 1999**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1999.
  11. CHAVES, Fabiana Nogueira; CÉSAR, Maria Rita de Assis. O silenciamento histórico das mulheres da Amazônia Brasileira. São Paulo: **Extraprensa**, 2019.
  12. CONNELL, Raewyn. **Gender**: In World Perspective. Cambridge: Polity Press, 2009
  13. CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Relações raciais**, 2012.
  14. CRUZ, Alessandra Dias Da; ADSUARA, Carmen Hannud Carballeda; BARRETO, Robenilson Moura. Negociações de sentidos no contexto da subalternidade: interseccionalidade na vida da mulher negra lésbica e seus pontos nodais para a psicologia social. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 14, n. Ed. Especi, p. 68–88, 30 jul. 2022. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1418>>. Acesso em: 23 nov. 2023.
  15. FERREIRA, Amannda Gomes Cavalcante. **Marsha**: aplicação mobile para combate à violência contra mulheres LGBTQIAP+ em espaços públicos na cidade de Natal. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Bacharelado em Design, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.
  16. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
  17. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
  18. GONÇALVES, Nathan. **Considerações sobre o movimento LGBT**. Medium, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/pirata-cultural/considera%C3%A7%C3%B5es-sobre-o-movimento-lgbt-dfa357fd636a>>. Acesso em: 9 jun. 2023.
  19. GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: **Marco Zero**, 1994.
  20. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
  21. GONTIJO, Fabiano. As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da
  22. Amazônia: apontamentos para estudos nas ciências sociais. **Ciência e Cultura**, 2017.
  23. GONTIJO, Fabiano. ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero e

- Pertencimento Étnico na Amazônia Brasileira. **Contemporânea**, v. 10, n. 1, 2020.
24. JÚNIOR, Ivanildo Alves de Lima; SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. Guia de inclusão das pessoas LGBTQIA+. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco**. Olinda, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597276>>. Acesso em: 18 nov. 2023.
  25. LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa? **Justiça do Trabalho 4º região (RS)**, 2021. Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>>. Acesso em: 18 nov. 2023.
  26. LIMA, Francisney Da Silva. **Um estudo acerca dos significados da Igualdade de Direitos da população LGBT na escola na perspectiva dos professores do ensino médio**. Manaus; Universidade Federal do Amazonas (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), 2013.
  27. NUNES, Ane Caroline Coutinho. **Os significados da escolarização para travestis que moram na cidade de Manaus**. Manaus; Universidade Federal do Amazonas (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), 2015.
  28. OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais. In: **Portal Globo G1** [online], São Paulo, 18 jun. 2018.. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/oms-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais.ghtml>>. Acesso em: 14 nov. 2023.
  29. PEREIRA, Raquel Luciana de Aquino Faria. Direitos humanos e fundamentais: a inclusão da comunidade LGBT. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. São Paulo, v. 5, n. 4, ed. 2, p. 24-37, 2019.
  30. PEREIRA, Wilson Guilherme Dias; HILÁRIO, Rosângela Aparecida; FERNANDES, Estevão Rafael. Caixão e velas pretas ao velório do silêncio das LGBTQI+ amazônidas: diálogos para a emancipação das vozes desviadas da Amazônia. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 2022.
  31. PARKER, Richard G. **Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual No Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.
  32. REIS, Toni. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.
  33. RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita**. Brasília, DF: **Senado Federal**, 2005
  34. SALLORENZO, Letícia. **Cartilha inclusão e direitos LGBTQIA+**: Não se limite apenas a levantar a bandeira do arco-íris durante o mês de junho. LBS Advogados/Central única dos trabalhadores, 2022. Disponível em: <<https://www.sinprodf.org.br/cut-elabora-cartilha-lgbtqia-com-orientacoes-juridicas/>>. Acesso em: 16 nov. 2022.
  35. SANTOS, Thiago Silva Dos. **Aprendizados, dúvidas e necessidades de profissionais da rede de combate à violência contra a Mulher em Manaus sobre encaminhamentos e atendimento a homens autores de violência conjugal**. Manaus; Universidade Federal do Amazonas (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), 2013.